

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**SANGUE E NERVO - O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN**  
**2 e 16 de Outubro de 2015**

**SORCERER / 1977**  
**(O Comboio do Medo)**

*Um filme de William Friedkin*

Realização: William Friedkin / Argumento: Walon Green, baseado no romance *Le Salaire de la Peur*, de Georges Arnaud / Direcção de Fotografia: Dick Bush e John M. Stephens / Design de Produção: John Box / Direcção Artística: Roy Walker / Guarda-Roupa: Anthony Powell / Música: Tangerine Dream / Som: Jean-Louis Ducarme / Montagem: Bud Smith / Interpretação: Roy Scheider (Jackie Scanlon), Bruno Cremer (Victor Manzon), Francisco Rabal (Nilo), Amidou (Kassem), Ramon Bieri (Corlette), Peter Capell (Lartigue), Karl John (Marquez), Friederich von Ledebur (Carlos), Joe Spinell (Spider), Jean-Luc Bideau (Pascal), Cosmo Allegretti (Ricci), etc.

Produção: Paramount – Universal / Produtor: William Friedkin / Cópia digital (DCP), colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 121 minutos / Estreia em Portugal: Caleidoscópio e Castil, a 16 de Maio de 1980.

\*\*\*

**Sorcerer**, primeiro filme de William Friedkin depois dos enormes sucessos que tinham sido, no início da década, **The French Connection** e **The Exorcist**, ficou longe de corresponder às expectativas. Nem crítica nem comercialmente o filme foi propriamente um êxito, e alguns comentadores apontam-no hoje como um primeiro aviso para o que viria a acontecer, poucos anos mais tarde, com o **Heaven's Gate** de Michael Cimino – em geral tido como o momento fatal para a “nova Hollywood” da década de 70, “flop” que serviu aos estúdios para porem fim ao “directors’ power” e acabarem com esse período de cerca de dez anos que foi o mais “autorista” da história do cinema americano. Com o “poder” garantido pelos êxitos precedentes, **Sorcerer** foi um filme inteiramente controlado por Friedkin, que inclusivamente se responsabilizou pela produção, com rédea solta (ou pelo menos muito folgada) dada pelos estúdios financiadores do projecto, a Paramount e a Universal.

Se o caso não foi tão extremo como viria, de facto, a ser o de **Heaven's Gate**, também com **Sorcerer** a má reputação imediata se atenuou com os anos, e sem ser uma obra-prima como o filme de Cimino é difícil compreender, hoje e fora de contexto, a animosidade que à época foi votada ao filme. Trata-se de um “remake” do célebre filme de Henri-Georges Clouzot realizado no princípio dos anos 50, **Le Salaire de la Peur**, ou então, como Friedkin prefere dizer, uma nova adaptação do romance que lhe esteve na base, escrito por Georges Arnaud. Friedkin, ainda assim, contou que, garantidos os direitos junto de Arnaud (que ficou todo contente, visto que, ainda segundo Friedkin, “detestava” o filme de Clouzot), visitou o realizador francês em Paris para lhe pedir a bênção quanto a uma nova versão, oferecendo-lhe mesmo uma percentagem dos lucros.

Se a versão Friedkin, narrativamente, não se afasta muito da versão Clouzot (nem, presumivelmente, do romance original), um pormenor faz toda a diferença. **Le Salaire de la Peur** tendia para a abstracção geográfica, um mundo imaginário e faz de conta pleno de referências fictícias. **Sorcerer** é ao contrário, abundando em aspectos e referências muito concretas – o Médio Oriente, o tráfico de droga no México, as Máfias americanas, as falcatruas financeiras na Europa, os nazis refugiados no continente sul-americano, etc; e se a sua América do Sul permanece fictícia, o país onde a acção se passa é um pequeno condensado, que nunca chega a ser caricatural, apenas “exemplar”, de um estado ditatorial como os que na época abundavam nas Américas do Sul e do Centro, completado pelas discretas alusões ao “imperialismo” americano (ver, por exemplo, nos primeiros planos com Roy Scheider no tugúrio que serve de abrigo aos protagonistas, o momento em que a câmara, acompanhando o olhar da personagem, se detém num velho cartaz publicitário da Coca Cola).

Realismo referencial que é rimado pela relação, também profundamente realista, com a natureza – e sobretudo a partir do momento em que o camião com o carregamento de nitroglicerina se põe em marcha, enquanto obstáculo mas também enquanto “enquadramento”, enquanto “clima”, a natureza, impecável e opressivamente filmada pela câmara de Friedkin, assume-se como protagonista não-humano. O que não deixa de ser justo, como “comentário” se quisermos, visto que o centro de **Sorcerer** está nos limites da capacidade e da resistência humanas. É um filme de “proezas”, de proezas físicas – da entrega do carregamento de nitroglicerina (que se faz a pé, pela personagem de Scheider, perdido que já ficara quer o camião quer os seus companheiros) a todos os obstáculos que é preciso ultrapassar, em cenas que Friedkin concebe, um pouco segundo uma regra de ouro do burlesco clássico (o mais “físico” dos cinemas), evitando ao máximo a batota. Algumas cenas, como a passagem da ponte debaixo do temporal, ficaram célebres, e são (essa, sobretudo) efectivamente notáveis tanto pela maneira como Friedkin gere a tensão e a incerteza como pela dimensão irremediavelmente física, e imediatamente credível, das acções a que os protagonistas são obrigados.

Num certo sentido, **Sorcerer** está para Friedkin como o **Apocalypse Now** que Coppola então rodava esteve para o seu realizador. Se a matriz é o livro de Arnaud, no fundo este mergulho na selva, tão real como metafórica, é tanto uma viagem ao “coração das trevas” como o foi, com referência explícita a Conrad, o filme de Coppola. E é algo que hoje está completamente fora dos cânones da indústria americana: um filme de aventuras adulto, pessimista, e feito à mão.

Luís Miguel Oliveira